

ENTRE CERROS E CAMADAS

Paisagem, Ancestralidade e Sobreposições na Patagônia

**Silvia Helena Cardoso¹,
Eduardo Rocha² e Daniela Vieira Goularte³**

As imagens que compõem esta seção da **Parede Branca** nos conduzem a uma Patagônia que não se oferece como paisagem distante ou espetáculo natural, mas como território espesso, atravessado por camadas de tempo, memória e disputa. Nos cerros e áreas elevadas fotografados por Silvia Helena Cardoso — entre eles o Cerro Chenque, em Comodoro Rivadavia — o olhar é convidado a desacelerar, a reconhecer que a forma do relevo não é apenas geográfica, mas também histórica, simbólica e ancestral.

O Cerro Chenque ocupa um lugar singular nesse conjunto. O próprio nome — “chenque” — remete a sítios funerários indígenas, associados aos povos Tehuelche (Aonikenk), para os quais os cerros eram espaços de sepultamento, ritual e permanência. Trata-se, portanto, de um ***lugar ancestral***, cuja significação antecede e excede a urbanização contemporânea que hoje o circunda. As imagens não buscam ilustrar esse dado histórico, mas tensioná-lo: mostram um cerro atravessado por estradas, bairros, antenas e infraestruturas, revelando a sobreposição entre cidade moderna e território ancestral.

Ao lado do Chenque, outros cerros e áreas próximas da Patagônia aparecem como presenças silenciosas, muitas vezes percebidas apenas como pano de fundo do cotidiano urbano ou rural. No entanto, as fotografias insistem em trazê-los ao primeiro plano, sugerindo que essas elevações operam como “marcadores territoriais”, pontos de orientação, abrigo de memórias e testemunhas de longas durações. Não são monumentos no sentido clássico, mas persistências — corpos de terra que resistem à lógica da planificação, da extração e da homogeneização da paisagem.

A *“Parede”*, enquanto espaço editorial, potencializa essa leitura ao suspender o excesso de texto e permitir que as imagens atuem como dispositivos de pensamento. Aqui, a fotografia não é mero registro visual, mas um modo de caminhar com o olhar, de estabelecer uma relação ética com o território. O enquadramento, a distância, a escolha da luz e do horizonte constroem uma narrativa que não afirma, mas pergunta: o que permanece quando a cidade avança? O que é silenciado quando o cerro é reduzido a obstáculo, mirante ou recurso?

1 Profa. Dra. Silvia Helena dos Santos Cardoso, Fotógrafa, Antropóloga e Professora Universitária/ Docente na Licenciatura em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais/FAV na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/UNIFESSPA.

2 Professor e Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

3 Arquiteta e Urbanista. Especialista em Artes Visuais. Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Linha Cidade e Sociedade. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Cidade+Contemporaneidade. Servidora técnico-administrativa no cargo de Arquiteta e Urbanista da Universidade Federal de Pelotas.

Sem romantizar a ancestralidade nem congelar o território em um passado idealizado, as imagens de Silvia Helena Cardoso propõem um exercício de atenção. Elas nos lembram que a Patagônia não é vazia, nem muda. Seus cerros falam — ainda que em uma língua que exige escuta lenta, respeito e disposição para reconhecer as marcas de quem esteve ali antes. Nesta *“Parede”*, a fotografia se torna, assim, um gesto de aproximação: entre imagem e território, entre presente e ancestralidade, entre o que vemos e aquilo que insiste em permanecer sob nossos pés.







